

MINECRAFT ZOMBIES!



NICK ELIOPULOS

*Para o John, desaparecido,
mas não esquecido*

CAPÍTULO 1

Foi numa noite escura e sem Lua que o forasteiro chegou a Vila-Simples.

A Bobbie tinha terminado as tarefas e o seu irmão bebé dormia profundamente. Pela primeira vez naquele dia, a casa estava sossegada, e a Bobbie deu por si a olhar pela janela do quarto.

E viu algo a mover-se lá fora, no escuro.

A princípio, ela pensou que os seus olhos lhe estavam a pregar partidas. Era difícil ver o quer que fosse numa noite destas, em que a Lua estava tapada por nuvens escuras e as tochas colocadas à volta da aldeia só serviam para escurecer ainda mais as sombras. Ela aproximou-se da janela e estreitou os olhos.

Ali! Ela tinha razão. Não era um truque da luz, nem uma das ocasionais ovelhas fugitivas do pastor Ellis. Havia uma *pessoa* lá fora. Mas os seus movimentos eram estranhos. Arrastava os pés pelo chão e avançava lentamente, com os braços esticados para a frente, como se estivesse em busca de equilíbrio.

A Bobbie pensou que poderia ser um zombie. Ela já tinha ouvido falar deles: eram criaturas irracionais e a apodrecer com pele verde e covas negras no lugar dos olhos. Eram mortos-vivos que vagueavam pela noite em busca de criaturas para atacar.

A Bobbie sentiu-se revoltada... e curiosa. Aproximou-se para ver melhor.

A figura parecia cambalear, como o pequeno Johnny quando tinha aprendido a dar os primeiros passos. E foi nessa altura que tropeçou nos próprios pés e caiu no chão, mesmo junto a uma tocha acesa.

Sob a luz da tocha, a Bobbie conseguiu ver a figura com clareza pela primeira vez. Afinal, não era um zombie. Era um rapaz. E precisava de ajuda!

Os pais da Bobbie grasnaram em sinal de protesto quando a viram sair a correr porta fora, mas a Bobbie ignorou-os. Ela sabia muito bem que as regras ditavam que os aldeões nunca deviam abandonar a segurança dos seus lares depois do pôr do sol. Mas também sabia que lhe perdoariam se quebrasse as regras para ajudar alguém em apuros.

— Olá? — disse a Bobbie, ao aproximar-se da figura no chão. — Consegues ouvir-me? Chamo-me Barbara... *Bobbie*.

A figura levantou a cabeça.

— Veneno — disse com voz fraca.

A Bobbie sentiu-se a ficar arrepiada. *Veneno*. Será que alguém tinha feito aquilo de propósito?

— Eu preciso de levar-te ao nosso clérigo — respondeu ela.

— Achas que consegues? Não é longe.

A Bobbie pegou no braço do forasteiro e colocou-o à volta dos seus ombros, ajudando-o a levantar-se. Ele deu alguns passos incertos, mas desde que a Bobbie o ajudasse a suportar o seu peso, não voltaria a cair.

Ela *não* o deixaria cair.

O templo de Vila-Simples ficava perto da casa da Bobbie. Ela nem se deu ao trabalho de bater à porta. O clérigo Avery, surpreendido com a intromissão, desceu as escadas de pedra a correr.

— Ele foi envenenado — explicou a Bobbie.

O clérigo emitiu uns resmungos e apontou para uma mesa. A Bobbie ajudou o forasteiro a deitar-se em cima dela. A sua armadura de ferro produziu um som metálico contra a superfície de madeira. No interior bem iluminado do templo, a Bobbie conseguia ver o mau estado em que o forasteiro se encontrava. Não admira que ela o tivesse confundido com um zombie... ele parecia meio-morto.

O clérigo Avery examinou o forasteiro e grasnou as suas conclusões à Bobbie.

— Wither? — disse ela, dando o seu melhor para perceber os gestos e sons do clérigo. — Há alguma cura? Tem alguma poção...?

A resposta do clérigo surpreendeu-a. Mas a Bobbie sabia que ele estava a falar a sério. Em toda a sua vida, ela nunca o tinha ouvido contar uma piada.

A Bobbie correu noite dentro em direção ao extremo norte da aldeia. Era aí que se encontravam os animais: duas ovelhas, quatro galinhas e uma vaca chamada *Mimosa*.

A Bobbie nunca tinha ordenhado uma vaca à noite. Mas era uma emergência, e embora a *Mimosa* tivesse olhado para ela de forma estranha, pelo menos não se queixou.

Assim que a Bobbie regressou ao templo, o clérigo Avery obrigou o forasteiro a beber o leite diretamente do balde.

— Então, funcionou? — perguntou a Bobbie, impaciente.
— Ele vai ficar bem?

O clérigo resmungou em resposta. O pior já tinha passado. O leite tinha curado o envenenamento de Wither, mas o forasteiro ainda estava fraco. Precisava de descansar.

— Por outras palavras, está na hora de ir para casa — disse a Bobbie. — Já percebi, clérigo.

Mas ela hesitou à saída e virou-se para trás, sorrindo afetuosamente ao aldeão.

— Obrigada pela ajuda. Eu sabia que podia contar consigo.

O clérigo Avery voltou a resmungar, desconfortável com aquela demonstração de gratidão. O clérigo, tal como a maior parte dos habitantes de Vila-Simples, não gostava de surpresas, interrupções ou qualquer tipo de desvio das suas rotinas diárias. E os acontecimentos desta noite tinham sido certamente invulgares. Os aventureiros visitavam a aldeia de vez em quando, normalmente para fazer algumas trocas ou usar uma estação de criação. Mas esta tinha sido a primeira vez que um forasteiro tinha verdadeiramente necessitado da *ajuda* dos aldeões. E Vila-Simples tinha-se mostrado à altura.

A Bobbie sentiu uma pontinha de orgulho e satisfação. Sabia bem praticar boas ações. Mas talvez ela se sentisse de outra forma se soubesse os problemas que aquele forasteiro traria à sua vida...

CAPÍTULO 2

A Bobbie tinha jeito para reparar vedações.

Já tinha tido muita prática. Vila-Simples era uma aldeia pequena, simples e sossegada, mas estava mesmo no meio de uma pradaria aberta, sem árvores, montes ou montanhas que a pudessem esconder. A Bobbie nunca tinha visto a aldeia de muito longe, mas imaginava que ela seria visível a quilômetros da distância, especialmente à noite, quando as tochas piscavam como estrelas face a uma paisagem negra como tinta.

Era à noite que os monstros vagueavam em liberdade.

Por vezes, ela ouvia-os quando estava na cama, a tentar adormecer. O *clique-claque* dos esqueletos a caminhar. Os sibilos e passos rápidos de uma aranha no telhado. Certa vez, ela até tinha visto um Enderman a caminhar pela sala de estar. A criatura emitiu uns ruídos estranhos, mudou algumas mobílias de sítio e depois desapareceu numa nuvem de faíscas roxas. Nessa noite, a Bobbie não pregou olho.

E também havia os aventureiros. Ao contrário dos aldeões, os aventureiros não tinham uma casa permanente e muito menos responsabilidades. Vagueavam de um lado para o outro, e pelo que a Bobbie tinha visto, muitos deles não tinham aprendido sequer as regras básicas da boa educação. Abriam buracos nas paredes e nas vedações só para evitarem dar uns passos a mais. Tiravam o que lhes apetecia dos baús e dos quintais dos aldeões e deitavam o lixo para o chão. Até lutavam com os monstros (e uns com os outros) sem qualquer preocupação pelos danos causados.

A Bobbie não conseguia percebê-los. Ela seria incapaz de destruir os pertences de outras pessoas.

E sempre que algo era destruído em Vila-Simples, lá estava ela para o reparar.

— Aqui tem, pastor Ellis — disse ela, ao colocar a última secção da vedação no sítio. A Bobbie tinha usado madeira de carvalho para que a secção reparada correspondesse ao resto da vedação. E já agora, ao resto da aldeia também. Tirando um pouco de pedra aqui ou ali, Vila-Simples era completamente feita à base de carvalho. — Está a ver? Nem se consegue perceber que foi danificada.

O pastor Ellis soltou *alguns sons* no linguajar característico da aldeia. A Bobbie teve de prestar atenção para conseguir perceber o que o pastor queria dizer. Assentiu com a cabeça, piscando os olhos à luz do sol.

— Não devem ter ido para longe, como sempre — respondeu ela. — Mas vou encontrar as suas ovelhas e trazê-las de volta. Prometo.

Enquanto o pastor Ellis inspecionava a vedação, a Bobbie caminhou para sul através da estrada de terra que atravessava a aldeia. Acenou a vários dos vizinhos parados junto à praça principal, onde um grande carvalho marcava o centro da aldeia. Chamavam-lhe o Carvalho Central, e os aldeões tinham por hábito juntar-se ali todas as manhãs para saberem de alguns mexericos antes do dia começar.

— Bom-dia a todos! — disse a Bobbie, e os aldeões acenaram-lhe de volta.

O templo da aldeia ficava do outro lado da árvore. A Bobbie entrou no templo.

— Clérigo Avery? Sou eu, a Bobbie.

O clérigo levantou os olhos do seu posto de poções, onde borbullhava uma nova mistura.

— Onde está o nosso convidado? — perguntou a Bobbie.
— Sente-se melhor?

O clérigo emitiu uns grasnidos e gesticulou de forma agitada.

— Foi-se embora? E deixou o lixo para trás? — perguntou a Bobbie. — Pegou numa pilha de blocos de terra descartados do chão e suspirou. — Que bela gratidão — disse ela. — Afinal, era só mais um aventureiro.

A Bobbie saiu para dar seguimento às suas tarefas. Visitou o flecheiro Lee, que estava a ficar sem penas, e o pedreiro Bradley, que exibiu com orgulho uma pedra que tinha polido até ficar brilhante.

Mas a casa do cartógrafo Haven parecia estar vazia.

— Está alguém? — chamou a Bobbie. — Estou só a passar para ver se precisa de mantimentos.

Não houve resposta. A Bobbie espreitou o interior do baú do cartógrafo. Estava quase sem pão. Ela teria de fazer algum pão hoje. Mas em vez de partir, a Bobbie deixou-se ficar mais algum tempo na sala, a olhar em redor. Era um espaço colorido, com quadros e plantas e uma estante de livros à pinha. A Bobbie girou a agulha da bússola que estava em cima da mesa e examinou um grande mapa pendurado na parede.

Vila-Simples era o ponto mais pequeno naquele mapa. Era quase impossível pensar que tudo o que a Bobbie conhecia cabia ali, naquele espaço minúsculo. O mundo era mesmo *grande*.

E o oceano! Quase um terço do mapa era dedicado a uma enorme extensão azul. Como é que aquela água toda cabia no Overworld?

A Bobbie estava tão absorvida nos seus pensamentos que quase não o ouviu. O som de pés a arrastar. Um movimento ligeiro.

Ela não estava sozinha.

— Olá? — disse ela, virando-se num círculo. — Como não viu ninguém, ficou parada a ouvir. O som era muito ténue, mas ela conseguia ouvi-lo bem; era o som de uma respiração suave. — Olá? — disse ela outra vez, atenta a qualquer sinal de movimento. — Está aí alguém?

Com um ruído de um gargarejo alegre, uma pequena figura lançou-se na direção da Bobbie do topo da estante mais próxima. Apanhada de surpresa, ela gritou enquanto a figura a envolvia com os seus braços. A Bobbie desequilibrou-se e tropeçou, caindo no chão de traseiro. O seu atacante riu-se e apertou-a ainda com mais força.

Foi aí que a Bobbie se apercebeu de que não estava a ser atacada. Estava a ser *abraçada*.

Mas, no que dizia respeito ao seu irmão mais novo, era difícil distinguir uma coisa da outra.

— Johnny! — gritou ela. — Quase que me causavas um ataque cardíaco.

O seu irmão fez um gargarejo com alegria, como se tivesse acabado de ganhar um jogo que a Bobbie não fazia ideia de que estavam a jogar. A Bobbie devolveu-lhe o abraço, mas logo depois ele esquivou-se e correu até à mesa, começando a trepar sem qualquer motivo aparente.

— O que fazes aqui? — perguntou-lhe a Bobbie. — Queres fazer mapas quando cresceres? Aposto que serias um excelente cartógrafo.

A Bobbie estava à espera que o Johnny pegasse na bússola, mas de momento ele parecia mais interessado nos seus próprios pés.

A Bobbie gostava de imaginar que tipo de profissão o seu irmão teria quando crescesse. Ela encontrava sinais em tudo o que ele fazia. A dançar sapateado numa bigorna? Talvez viesse a ser ferreiro. A aninhar-se num tufo de lâ? Talvez viesse, um dia, a substituir o pastor Ellis.

Ao ver o Johnny a saltar em frente ao grande mapa do Overworld, ela sentiu-se aliviada por saber uma coisa ao certo: o Johnny podia ser aventureiro, mas nunca seria um aventureiro quando crescesse. Isso seria impossível: os aldeões eram aldeões e os aventureiros eram aventureiros, e nada poderia mudar isso.

E ainda bem. A Bobbie sentiu o coração a apertar-se só de pensar em ficar separada do seu irmão.

O cartógrafo Haven apareceu à porta, incomodado com toda aquela confusão, e começou a enxotar os dois irmãos para a rua.

— Desculpe! — riu-se a Bobbie, enquanto o cartógrafo lhe fechava a porta na cara. — Bebê mau! — disse ela, a agitar um dedo, mas sem perder o sorriso. — Os nossos pais sabem onde andas? Será que sabem que nem sequer estás em casa?

O Johnny soltou uns risinhos, virou costas e foi-se embora.

O rapaz tinha tendência para vaguear. A Bobbie já o tinha encontrado nos sítios mais estranhos: a trepar telhados e varandas, a perseguir galinhas ou a saltar nas camas. Ela partia do princípio de que era um comportamento normal para a idade, mas era muito cansativo tomar conta do irmão. Uma vez, tinha passado um dia inteiro à procura do irmão, acabando por encontrá-lo a dormir dentro do caldeirão do cozeiro Shane (o Shane ainda olhava de lado para os dois irmãos e a Bobbie não o criticava).

A Bobbie ficou a ver o irmão enquanto ele se aproximava do golem da aldeia. O Goalie era um gigante simpático, um constructo feito a partir de ferro e que vigiava a aldeia. A Bobbie dormia melhor sabendo que o Goalie estava sempre ali, sempre alerta e sempre pronto a proteger a aldeia e os seus habitantes de qualquer perigo que afligisse Vila-Simples.

O Goalie era um pouco mais alto do que os aldeões e duas vezes mais alto do que o Johnny, com ombros largos e braços longos e fortes. Mas o Johnny não se sentia intimidado pelo

golem. Enquanto a Bobbie observava, o Goalie estendeu uma flor (uma papoila vermelha brilhante) e o Johnny aproximou-se e tirou, sem hesitar, a flor da mão do gigante de ferro.

— Lembra-te dos bons modos, Johnny. O que é que se diz? — interferiu a Bobbie e, quando ficou óbvio que o Johnny não tinha nada para dizer, ela virou-se para o golem. — Obrigada, Goalie — agradeceu.

Não tendo boca, o Goalie não podia responder. Na verdade, era impossível saber o que o golem estava a pensar. No entanto, a Bobbie achava que via os olhos do golem a brilhar quando falava com ele.

O Johnny correu em direção a casa, provavelmente a pensar em todas as traquinices que poderia fazer pelo caminho, mas pelo menos ia na direção certa. A Bobbie continuou para sul, até aos arredores da aldeia e mais além. A estrada de terra que atravessava a aldeia terminava num campo de relva e dentes-de-leão logo depois da biblioteca. Sem edifícios à volta, a visão da Bobbie estendia-se por quilómetros ao longo da pradaria. Não havia mesmo nenhum sítio para as ovelhas do Ellis se esconderem. A Bobbie viu-as a pastarem junto a uma pequena lagoa.

Por sorte, havia cana-de-açúcar a crescer junto às margens da lagoa. A Bobbie podia transformá-las em açúcar para usar como ingrediente... e talvez até papel para oferecer ao cartógrafo em jeito de desculpas pelas travessuras do irmão. Partiu as canas com as mãos e guardou os materiais no inventário antes de se virar para as ovelhas.

— Vamos lá, *Lãzuda*. Anda, *Lãzinha* — disse ela. — Acabaram as férias. Hora de ir para casa!

A *Lãzuda* olhou para ela com indiferença enquanto a *Lãzinha baliu* em jeito de provocação. Ou talvez fosse ao contrário; ela tinha problemas em distinguir uma ovelha da outra.

— Está bem, pronto, só mais um minuto — respondeu a Bobbie, e sentou-se junto à água. — Vocês são tão teimosas como o Johnny. E além disso, de que adianta fugirem? O que acham que há por aí?

Ao dizer isto, ela olhou para a planície, que se estendia a perder de vista até terminar numa cordilheira distante. A Bobbie suspirou.

— Eu digo-vos o que há por aí. Caos e perigo. Aventureiros gananciosos e imprudentes. E... coisas que vos querem *comer*. — E virou-se para trás, em direção à aldeia. — Vila-Simples é a nossa casa e é *segura*. Sabem o que é esperado de vocês, hoje e amanhã e no dia depois. Porque nada muda e...

A Bobbie parou. Assim que aquelas palavras lhe saíram da boca, ela apercebeu-se de que havia algo que tinha mudado. Algo de *catastrófico* tinha acontecido.

— A árvore — disse ela, sem fôlego. — O Carvalho Central está em chamas!

CAPÍTULO 3

O coração de Vila-Simples estava a arder.

Quando entrou na aldeia a correr, a Bobbie mal conseguia acreditar no que via. Mas não havia como negá-lo: o Carvalho Central estava envolvido numa coluna de chamas. Línguas de fogo cor de laranjas e amarelas estendiam-se em direção ao céu.

Mas não era tudo. As chamas foram da árvore para a relva que a rodeava e o fogo espalhou-se pelo chão.

Toda a aldeia de Vila-Simples era feita de carvalho.

— As nossas casas são inflamáveis! — gritou a Bobbie. Ela virou-se para os aldeões chocados, que rodeavam a estrada e assistiam àquele cenário catastrófico. — Temos de fazer alguma coisa!

Os aldeões lançavam sons de pânico. O que poderiam eles fazer?

A Bobbie puxou pela cabeça. Se ao menos ela se tivesse lembrado de encher o seu balde de água quando estava junto à

lagoa... Mas um balde de água também não faria nenhuma diferença nesta situação.

Mas o que mais tinha ela no inventário? Um punhado de paus, cana-de-açúcar, molhos de trigo...

E terra. Ela tinha um montão de terra!

A Bobbie entrou em ação. Começou a correr à volta da praça central e a empilhar os blocos de terra uns a seguir aos outros. A relva era inflamável, mas a terra não. Assim, poderia servir de barreira entre o incêndio e os edifícios da aldeia. A Bobbie nunca se tinha sentido tão grata por ter terra no inventário.

Depois de terminar a barreira, a Bobbie virou-se para o aldeão mais próximo. Era o clérigo Avery.

— Viu o Johnny? — perguntou ela. — Ele está bem?

O clérigo Avery grasnou em confirmação, e inclinou a cabeça para um dos lados da estrada. Ali estava o Johnny, e sossegado, para variar. Estava sentado no ombro do Goalie, a olhar para o incêndio no meio de um grupo de aldeões. A Bobbie juntou-se a eles e apertou o pé do Johnny enquanto se encostava ao Goalie. Juntos, a Bobbie e os vizinhos assistiram em silêncio enquanto o incêndio se consumia lentamente.

O perigo parecia ter terminado. Mas o Carvalho Central, um marco imemorable da aldeia, tinha desaparecido. *Reduzido a cinzas.*

A Bobbie pensou se deveria dizer algo. Tentou lembrar-se de algumas palavras sábias ou de consolo, mas não lhe ocorreu nada. O silêncio alongou-se numa atmosfera de tristeza e choque partilhados.

E depois, para sua grande surpresa... um forasteiro quebrou o silêncio.

— Meu! Isto foi *épico* — disse um rapaz. — Bem mais dramático do que eu esperava.

O forasteiro abriu caminho por entre uma multidão de aldeões assustados, subiu a barreira improvisada da Bobbie e dirigiu-se para o terreno carbonizado onde a árvore se tinha encontrado.

A Bobbie apercebeu-se de que aquele não era um forasteiro qualquer: *era o* forasteiro da noite anterior. Aquela que ela tinha auxiliado. A Bobbie pensava que tinha partido, mas afinal, aqui estava ele e claramente já recuperado. Pelo menos, já *devia* estar a sentir-se melhor, a julgar pelo *sorriso* que tinha na cara. A sorrir, numa altura destas.

— Desculpa — disse a Bobbie, dando uns passos em frente e levantando a voz acima dos sussurros agitados dos seus vizinhos. — Mas... o que estás a fazer?

O rapaz pareceu momentaneamente assustado.

— Uau. Tu és real — disse ele. — Não vou mentir, pensei que tinhas sido uma alucinação.

A Bobbie franziu o sobrolho.

— Claro que sou real. E... e não quero ser *mal-educada*, mas fiz-te uma pergunta.

O rapaz, claramente menos preocupado com os seus bons modos, olhou para a Bobbie de forma demorada.

— Tu és o quê? Uma espécie de palerma mutante? — perguntou ele.

— *Desculpa?* — respondeu a Bobbie.

— Sem ofensa — disse o rapaz, mas a Bobbie já se tinha ofendido. — É só que... nunca encontrei um aldeão como tu. Não *pareces* ser um. E até ages como se vivesses aqui ou algo parecido.

— Mas eu vivo mesmo aqui — disse ela. — Esta é a minha casa. Aquela árvore estava aqui há gerações. Tu... tu não tiveste nada a ver com aquele fogo, pois não?

— Bem, sim — disse o rapaz. — Fui eu que o ateei.

A Bobbie sentiu a respiração a cortar-se. Ela não sabia se estava mais chocada com aquela informação ou com a atitude descontraída do rapaz.

— Como é que foste capaz?! — perguntou ela.

— Não foi difícil — disse ele, de sorriso afetado. — Basta pegar em sílex e aço e depois...

— Não — disse a Bobbie. — Não, quero dizer... Porque é que tu...?

— Bem, é uma história engraçada — disse o rapaz. Sabias que podes obter carvão vegetal ao queimar madeira numa fornalha?

— O quê? — disse a Bobbie.

— Carvão vegetal — respondeu o rapaz. — Tem muitos usos. Podes criá-lo queimando madeira numa fornalha. Mas isso demora muito tempo.

O rapaz desviou o olhar da Bobbie para contemplar o cenário de destruição à sua volta.

— Pensei que podia arranjar montes de carvão bem depressa se saltasse a parte da fornalha e pegasse fogo a uma grande árvore. Mas... não. Não tive sorte. — E encolheu os ombros.
— Ups.

— Ups? — repetiu a Bobbie. Mal conseguia acreditar. — Há carvão debaixo dos nossos pés! Se escavares em qualquer direção, vais encontrar todo o carvão de que precisas e mais ainda. E tu... tu destruístes uma árvore antiga que todos estimávamos para tentar arranjar *carvão vegetal*? E nem sequer *funcionou*?

— Isso é uma forma melodramática de olhar para as coisas — disse o rapaz. — Mas... sim? Acho eu?

A Bobbie sentiu uma onda de revolta a crescer no peito. E não estava sozinha. Atrás de si, as vozes agitadas dos seus vizinhos erguiam-se numa cacofonia de ruídos ofendidos.

— Eh, lá! — disse o rapaz, a rir-se. — Isto não soa nada bem. Porque é que estão assim tão agitados?

— Eu acho melhor ires-te embora — disse a Bobbie. — Desculpa, mas não és bem-vindo aqui.

Isto só fez com que o rapaz se risse ainda mais. *Ele tem uma gargalhada malvada*, pensou a Bobbie. Cruel.

— Não estou pronto para partir — retorquiu ele. — Ainda não. Ainda tenho um monte de baús para revistar. Algumas ovelhas para tosquiar. E acho que vi um golem algures por aqui. Essas coisas largam lingotes de ferro, sabias?

— Não te atrevas a magoar o Goalie — disse a Bobbie, com a sua voz mais fria e dura.

O rapaz soltou um risinho.

— Deste um nome ao golem? Uau, mas que aberração.

— E não és bem-vindo aqui — repetiu a Bobbie. — Vai-te *embora*... Não te volto a avisar.

— Fazemos assim — disse o rapaz. — Porque é que não me obrigas?

E dito isto, sacou de uma espada.

Era a arma mais intimidante que a Bobbie alguma vez tinha visto, feita de diamante, com uma lâmina tão fina que parecia capaz de cortar o ar. Toda a espada azul-clara e brilhante parecia envolta por uma suave aura roxa.

A Bobbie deu um passo atrás, sem saber o que fazer. E na sua hesitação momentânea, ela viu um rasgo de movimento e cor a passar em frente aos seus olhos. Ao princípio, ela pensou que tinha sido a espada.

Mas era o Goalie. O golem tinha saltado para a frente dela, bloqueando o forasteiro ao mesmo tempo que o golpeava com um dos seus massivos punhos. O rapaz tropeçou e caiu no chão.

— Goalie, não! Não o magoes! — gritou a Bobbie.

O rapaz parecia furioso. Deitado no chão, olhou para o Goalie e para a Bobbie com faíscas nos olhos.

— Muito bem — disse ele. — Eu sei quando não sou bem-vindo.

Dito isto, levantou-se, guardou a espada e limpou o pó da armadura, que estava agora ligeiramente amolgada.

— Seja como for, esta aldeia é uma porcaria.

Enquanto o rapaz se afastava, os aldeões ali reunidos abriram caminho para o deixar passar. Mas, por despeito, ele deu uma palmada ao chapéu do bibliotecário Clarke, deitando-o ao chão. O Goalie endireitou-se e deu um passo em frente, mas a Bobbie levou a mão ao cotovelo do golem para o acalmar. Já bastava de problemas.

— Vão arrepender-se — disse o rapaz quando chegou ao fim da estrada que levava para a planície. — Vão arrepender-se

de me terem tratado desta maneira. Não arrependem-se de me terem conhecido!

A Bobbie não o disse em voz alta, mas ao virar-se para o espaço vazio onde antes estava o Carvalho Central, pensou: *Arreponder-me de te ter conhecido? Arrependida já eu estou.*

CAPÍTULO 4

Não muito longe dali, mas nas profundezas do subsolo, um aspirante a herói chamado Ben apercebeu-se de que tinha sido assaltado.

Ele tinha dormido mal, sonhando que tinha ficado preso numa enorme teia. Os fios pegajosos vibravam e tremiam, e o Ben sabia o que isso significava: uma aranha monstruosa estava algures por perto, fora de vista, a caminhar pela teia, com as mandíbulas a pingarem saliva venenosa enquanto se aproximava dele, esfomeada...

O Ben acordou sobressaltado, a puxar pelos lençóis enrolados. Demorou algum tempo até se dar conta de que não tinha passado de um sonho, que estava *seguro*.

Logo de seguida, o Ben compreendeu que estava sozinho. Levantou-se, intrigado com a ausência do seu amigo.

— Logan? — chamou ele, mas com voz baixa, receoso de atrair as atenções erradas. Antes de mais nada, decidiu ele, seria boa ideia recolher as armas.

— Isto não é nada bom — disse o Ben ao espreitar para o interior do baú que tinha à cabeceira. Era aí que ele guardava os seus artigos mais valiosos antes de se deitar à noite. Ali, ele tinha depositado minérios, lingotes e pó de redstone; poções e flechas, e flechas tratadas com poções; uma picareta de diamante e uma espada encantada. E esmeraldas! Um monte de esmeraldas brilhantes.

Tudo isso tinha desaparecido.

— Isto não é mesmo *nada* bom — repetiu ele. — Logan? Amigo?

Ele tinha de tentar, mas não estava à espera de uma resposta. O Logan não tinha simplesmente desaparecido: a cama dele também não estava ali, bem como todos os seus outros pertences. E sim, aparentemente, o mesmo tinha acontecido aos pertences do Ben.

— Logan! — gritou o Ben, agora com voz estridente.

E algo respondeu, mas não era o Logan.

Do meio das trevas, um sibilo forte deixou o Ben com os nervos em franja. Ele sabia precisamente o que iria encontrar quando se virasse: um creeper estava a aproximar-se sorrateiramente, com a sua face estranha e horrorosa presa num esgar e a boca aberta num grito preso e silencioso.

Por instinto, o Ben deu um passo em frente, levantando o braço da espada...

Que estava vazio. Claro.

Ainda assim, ele desferiu o golpe e atingiu o creeper com a mão vazia. O mob hesitou por um momento, empurrado para trás pela força do golpe, e o Ben pensou: eu sou capaz.

E foi então que o creeper explodiu.

O Ben sentiu a dor da explosão ainda antes de ser projetado pelo ar. Um fumo espesso cobria-lhe a visão e o chão debaixo dos seus pés pareceu desaparecer. Ele sentiu-se a cair por breves momentos, sofrendo ainda mais danos ao aterrar.

O Ben precisou de alguns momentos para clarear a cabeça. Quando o fez, apercebeu-se de que tinha caído para uma caverna escura. Estava rodeado de destroços causados pela explosão do creeper. Uma das tochas da sala lá em cima tinha caído junto dos pés dele, projetada pela explosão. O Ben apanhou-a e levantou-a acima da cabeça.

À luz da pequena redoma de claridade emitida pela tocha, o Ben começou a juntar blocos de pedra soltos. Além da armadura que trazia no corpo, estas pedras eram tudo o que ele tinha no mundo. E a armadura já tinha visto melhores dias. A couraça de ferro simples estava cheia de mossas e arranhões; provavelmente, tinha sido ela a salvá-lo da explosão, mas não ia conseguir aguentar muitos mais golpes como aquele.

O Ben estava ferido, mas pior do que a dor física era saber que tinha sido abandonado. Ele sabia que algo do género poderia acontecer. O Logan já o tinha *avisado* de que ele precisava de começar a contribuir mais para o grupo. E o Ben tinha tentado, não tinha? Ele sabia que sim.

Aparentemente, tinha tentado e tinha falhado.

Os pensamentos sombrios do Ben foram interrompidos por rosnidos vindos da escuridão.

Os arrependimentos e remorsos teriam de esperar. Entre o Ben e a relativa segurança da luz do sol estava um número

desconhecido de mobs monstruosos decididos a fazê-lo em picadinho. Ele estava desarmado, mal equipado e praticamente sem armadura, e a única fonte de luz que tinha à mão eram as tochas que ele e o Logan tinham deixado para trás no dia anterior. Tentar encontrar o caminho de volta seria a melhor forma de sobreviver... e porventura, de reencontrar-se com o seu amigo.

Sempre era um plano. O Ben sabia que estava tudo contra ele. Mas se conseguisse sair dali vivo, teria uma excelente história para contar.

E talvez isso fosse suficiente para provar ao Logan, de uma vez por todas, que o Ben era capaz de ser um herói tal como ele.

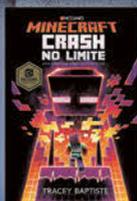
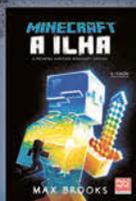
« **N**a opinião da Bobbie, era tudo uma questão de educação. Ela já tinha ensinado um monte de coisas ao Johnny desde que ele nascera. Tinha-o ensinado a não lhe puxar o cabelo. Tinha-o ensinado a partilhar os brinquedos e a não saltar em cima das camas ocupadas, e até já lhe tinha começado a ensinar os nomes das várias cores.

Por isso, ensiná-lo a não a comer não devia ser assim tão difícil, pensou ela. »

**E SE TODAS AS PESSOAS QUE CONHECES
FOSSEM TRANSFORMADAS EM ZOMBIES?
ATÉ ONDE IRIAS PARA AS SALVAR?**

**Embarca nesta aventura Minecraft depressa...
antes que os zombies te ataquem!**

LÊ TAMBÉM:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

penguinlivros.pt

penguinkidspt

10+

ISBN 9789897876974



9 789897 876974 >